

**Uma análise do conto de ficção científica “Vacant World”, de 1940**

ANDREYA S. SEIFFERT<sup>1</sup>

**Abstract:** This paper aims to discuss the science fiction short story "Vacant World", by American writers Frederik Pohl, Cyril Kornbluth and Dirk Wylie, originally published in 1940. The story, set in 1997, explores the notion of future of the time it was written. Based on the relationship between text and context as held by the historian Dominick LaCapra, I analyse the projection of future(s) in an attempt to understand how these authors related with their time, and I also try to better understand this period of American history from its literature.

**Key words:** Science fiction; United States; 1940.

No século XX a ficção científica ganha força como gênero literário. Nos Estados Unidos, a criação de uma revista em 1926 dedicada exclusivamente ao tema criou uma rede de fãs que passaram também a escrever histórias com elementos científicos, tecnológicos e futuristas.

Em Nova Iorque, um grupo de jovens admiradores reunia-se com frequência para discutir ficção científica. Denominados “The Futurians”, o grupo contava com cerca de vinte membros que, de fãs, passaram a escritores e/ou editores do gênero. Três deles reuniram-se, em 1940, para compor a história “Vacant World”, objeto de análise do presente artigo.

Para tanto, apóio-me nas considerações do historiador norte-americano Dominick LaCapra, que propõe discutir as obras a partir das relações texto/contexto. Segundo essa abordagem, os contextos são formados por inúmeros textos (entendendo-se “textos” em uma definição ampla). De igual forma, os textos não são fechados, mas relacionam-se com diversos contextos, como a vida do autor, suas intenções, seus outros textos, a sociedade e a cultura. (LACAPRA, 1983). Parto dessa ideia para esmiuçar “Vacant World” e suas relações com diversos contextos.

### **“Vacant World”: o futuro de 1997 visto de 1940**

A noveleta<sup>2</sup> foi publicada originalmente por Dirk Wylie (pseudônimo de Joseph Harold Dockweiler) na “Super Science Stories”, no segundo ano da revista, volume dois,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo. Contato: andreya@usp.br

<sup>2</sup> Embora no próprio título do artigo eu tenha usado o termo “conto”, descobri apenas posteriormente que “Vacant World” é uma “noveleta”. A diferença é, basicamente, o número de palavras. Enquanto o conto tem até

edição de janeiro de 1941. Posteriormente ela foi publicada na coletânea “Before the Universe”, de 1980. Na apresentação da noveleta na coletânea, Frederik Pohl explica que, na verdade, ela fora escrito a seis mãos: além dele e de Wylie, Cyril Kornbluth também colaborou.



Imagem 01: capa da revista “Super Science Stories” de janeiro de 1941 onde “Vacant World” foi originalmente publicada

Fonte: The Internet Speculative Fiction Database

“Vacant World” está dividida em cinco partes. A primeira trata da volta do astronauta Camp de Vênus. É 17 de setembro de 1997 e Camp está sozinho há dois anos nessa jornada. Seus companheiros de viagem morreram e restou apenas Marvin, um lagarto falante. O objetivo da missão era encontrar uma nova fonte de recursos, já que guerras deixaram a Terra sem petróleo ou carvão e as áreas cultiváveis foram reduzidas a um mínimo.

---

7.500 palavras, uma noveleta pode ter de 7.500 a 17.000 palavras. De 17.500 a 40.000 trata-se de uma novela e acima de 40.000 palavras um romance.

Esse cenário de caos e destruição está relacionado ao tempo em que a noveleta foi escrita. Vale lembrar que dois anos antes da publicação de “Vacant World”, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Embora os Estados Unidos só fossem entrar na guerra ao final daquele ano, o medo e horror já estavam presentes no país. As lembranças da Primeira Guerra também ainda estavam vivas na memória de muitos americanos. Acrescente-se ao cenário, ainda, um país não totalmente recuperado da grande crise que começou em 1929 com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque.

Todos esses fatores ajudam a entender a construção de um futuro onde a Terra foi aniquilada pela ação dos seres humanos. Duas grandes guerras, em um curto espaço de tempo, levaram a crer que os conflitos não cessariam tão cedo e deixariam suas profundas marcas de destruição.

O futuro, no entanto, não é apenas sombrio: o texto deposita sua esperança na ciência como forma de reerguer a humanidade. Na década de 1940, viagens espaciais ainda eram apenas ficção, mas diversas pesquisas nesse sentido estavam sendo desenvolvidas. De fato, o avanço da ciência no século XX é impressionante, como mostra o historiador Nicolau Sevcenko:

*Para se ter uma ideia da amplitude e densidade dessas mudanças tecnológicas, consideremos alguns dados relativos ao século XX. Se somássemos todas as descobertas científicas, invenções e inovações técnicas realizadas pelos seres humanos desde as origens da nossa espécie até hoje, chegaríamos à espantosa conclusão de que mais de oitenta por cento de todas elas se deram nos últimos cem anos (SEVCENKO, 2001, p. 24).*

No que diz respeito à aviação, apenas pouco mais de cinquenta anos separam os primeiros vôos (feitos em aviões bastante rudimentares) da primeira viagem espacial tripulada com seres humanos. O trio de escritores previu que não demoraria muito para que as expedições se tornassem realidade, e imaginaram a União Soviética como pioneira:

*In the late Sixties Soviet Russia had been seized by a passion for exploration of the other worlds. Most of their huge ships had failed in one way or another, with appalling loss of life, but one had managed to reach the moon. The period that followed the next successful flights was one of feverish lunar exploration and even madder scrambling for concessions when it was found that the moon was rich in the materials needed on Earth (KORNBLUTH; POHL; WYLIE, 1980, p. 55)<sup>3</sup>.*

---

<sup>3</sup> No final dos anos 60 a Rússia Soviética havia sido tomada pela paixão da exploração de outros mundos. A maioria de suas grandes naves havia falhado de uma maneira ou de outra, com aterradora perda de vidas, com exceção de uma que conseguiu alcançar a lua. O período após as próximas viagens bem sucedidas foi de febril



Os russos foram de fato os primeiros a realizar uma viagem espacial tripulada, mas foram os americanos os primeiros a pisarem na lua, em 1969. Wylie e os colegas acertaram a década do início das viagens espaciais, mas erraram a nacionalidade dos primeiros astronautas a conhecerem de perto o satélite natural da Terra. Além disso, a lua não contém materiais úteis para nós, como eles imaginaram.

O fato dos escritores projetarem a União Soviética - e não os Estados Unidos - como pioneira das viagens espaciais ajuda a entender a relação que eles tinham com o próprio país e com seu rival.

O grupo “The Futurians” foi fundado a partir do desmantelamento de outro, o “Greater New York Science Fiction Club”. Donald Wollheim pregava um maior engajamento político da ficção científica e, juntamente com outros, fundou o “The Futurians”. Os membros remanescentes do “Greater New York Science Fiction Club” reagruparam-se no “Queen Science Fiction Club”. Wollheim era comunista e diversos encontros do “The Futurians” ocorreram na sede do partido comunista em Nova Iorque. Um dos autores da noveleta - Pohl - fez parte da liga jovem comunista mas saiu devido à assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop (conhecido também com Pacto Nazi-Soviético) em 1939.

Isso não significa que todos os integrantes do “The Futurians” fossem de esquerda. Ainda assim, as ideias circularam entre o grupo e é bem provável que tenham cativado outros membros. Além disso, vale lembrar que todos os *futurians* cresceram em um país arrasado pela maior crise econômica da história, o que pode ter contribuído para uma reflexão sobre outros sistemas econômicos.

John B. Michel, também integrante do “The Futurians”, se interessou pela tecnocracia no final da década de 1930, e procurou agregar mais pessoas à causa num movimento que ficou conhecido como “michelismo”. O movimento tecnocrático defende que governantes sejam empregados de acordo com sua capacidade técnica e não necessariamente pelo voto ou alianças políticas.

Apesar das discussões que certamente devem ter ocorrido nas reuniões do “The Futurians”, *Vacant World* não explora questões políticas. Embora mencione a União Soviética, não deixa transparecer se ela continuaria existindo no futuro imaginado de 1997.

Convenientemente, a nave de Camp aterrissa próximo ao “Lago Superior” na divisa entre Estados Unidos e Canadá, em um local conhecido do astronauta.

Na segunda parte da noveleta, Camp encontra a Terra deserta. O astronauta esperava ser recebido por uma multidão, como um herói:

*Camp began to tap his foot impatiently. Then he began to count. Before he realized it ten minutes had passed, and still there were no high-pitched voices babbling outside, no white, excited faces peering through the port, no visitors to his crater to welcome him as befitting a returned hero (KORNBLUTH; POHL; WYLIE, 1980, p. 59)<sup>4</sup>.*

No excerto acima, me chamou a atenção esse trecho em especial na fala de Camp: “no white, excited faces”. Para além de investigar o que está presente nos textos analisados, cabe às historiadoras e historiadores interrogar também o que não está posto, o que não aparece. Neste caso, o silenciamento sobre os outros rostos que não os brancos acaba por nos dizer muita coisa. A exclusão dessas outras populações é uma forma de racismo. Estima-se que em 1940 havia quase 13 milhões de negros nos Estados Unidos, o que equivale a cerca de 10% da população americana da época. Indígenas, aleútes, esquimós e asiáticos equivaliam a 0,5% da população. Na década de 1990 (a noveleta projeta o ano de 1997) os afro-americanos já equivaliam a mais de 12% da população americana, com quase 34 milhões de habitantes. Indígenas, aleútes, esquimós e asiáticos representavam 3,7% da população. Além disso, passaram a integrar a população norte-americana diversos migrantes latinos, chamados genericamente de “hispânicos”. Na década de 1990, eles já representavam 9% da população americana.

Na década de 1940 foi grande a migração das populações negras que estavam concentradas no sul rural para os grandes centros. Neles, elas sofreram com o preconceito em diversas formas: desde oportunidades desiguais de emprego até a segregação de espaços como escolas, hospitais e ônibus. Essa segregação era, inclusive, prevista em lei em diversos estados. No cinema, vigorava o “Código de Hays”, que deliberava sobre uma série de questões que podiam ou não ser exibidas no cinema. Miscigenação e alusão ao amor entre brancos e negros eram proibidos. Ao escolher retratar os Estados Unidos do futuro como um

---

<sup>4</sup> Camp começou a bater o pé impacientemente. Então começou a contar. Antes de perceber, dez minutos haviam se passado e não havia vozes estridentes balbuciando fora, nenhum rosto branco, empolgado, espiando através da portinhola, nenhum visitante em sua cratera para recebê-lo da forma condizente a um herói que regressou (tradução minha).

país exclusivamente branco os autores contribuíam para a manutenção do racismo, tão em voga à época.

Ao não encontrar ninguém, o astronauta Camp decide caminhar até o vilarejo próximo, que também está deserto. Ele encontra um jornal onde lê a data de 22 de maio de 1995, ou seja, o que quer que tenha afastado as pessoas ocorreu pouco mais de dois anos antes. Camp procura abrigo em um barco abandonado na marina e decide ir até a outra borda do lago. No dia seguinte encontra uma conhecida, Lois.

Na terceira parte da história, Lois age de forma estranha: não se alimenta, tem crises epilépticas quando o motor do barco é ligado e não sabe explicar o que aconteceu. Na quarta parte aparece uma “cópia” da garota e ambas dizem ser Lois. Pressionadas, acabam revelando toda a verdade na quinta e última parte da noveleta: de uma raça avançada, podem se comunicar telepaticamente e assumir a forma que desejarem. Transformaram-se em Lois para poder comunicar-se melhor com Camp. Essa raça foi obrigada a fugir do seu planeta depois que ele foi invadido por conquistadores. Cientistas descobriram que as condições de vida na Terra eram propícias, então eles migraram. Ao chegarem, no entanto, perceberam que são sensíveis a radiações elétricas e máquinas movidas a energia elétrica. A solução encontrada por eles foi mover toda a humanidade para um plano paralelo onde ela repousa sem imaginar o que se passa. Camp conta que acabou de voltar de Vênus, onde eles poderiam morar. Eles vão, então, na nave de Camp e, logo após, tudo é restaurado na Terra. A noveleta encerra-se da seguinte forma: “Camp began to wonder how he would explain the loss of the space-sphere” (KORNBLUTH; POHL; WYLIE, 1980, p. 80)<sup>5</sup>.

Apesar dos eventos tensos, ao final tudo é solucionado – ou quase tudo. Permanece em aberto a questão dos problemas ocorridos na Terra por conta das diversas guerras. Ainda assim, o tom da história não é dramático. De fato, é quase esperançoso: apesar das adversidades, paira no ar a ideia de que a ciência triunfará e encontrará uma solução para os problemas.

Essa positivação da ciência era bastante recorrente no período. Como visto acima, novas tecnologias eram inventadas com uma rapidez nunca vista na história até então. E se a humanidade era capaz de voar, por que não conseguiria usar isso para desbravar os planetas que nos rodeiam?

---

<sup>5</sup> Camp começou a imaginar como iria explicar a perda da espaço-esfera (tradução minha).

Os Estados Unidos buscavam se consolidar na ciência há bastante tempo. Como apontado pela historiadora Mary Anne Junqueira, as expedições norte-americanas de circunavegação realizadas no século XIX além de mapear regiões para garantir a segurança dos seus navios comerciais, tinham como objetivo secundário “registrar, conhecer, classificar o mundo que viam” (JUNQUEIRA, 2008, s/p). Para se ter uma ideia, os cientistas a bordo da expedição *U.S Exploring Expedition* (1838-1842) coletaram “nada mais nada menos do que 40 toneladas de espécimes, entre vegetais, animais e amostras de minerais, além de artefatos produzidos por outras culturas, incluindo duas mil espécies nunca antes identificadas” (JUNQUEIRA, 2008, s/p). Todo esse material deu origem a um complexo de museus e centro de pesquisa em Washington.

As universidades norte-americanas também são um exemplo dessa busca por firmar o país como pioneiro nas ciências. Das oito universidades que compõem a “Ivy League”, sete foram fundadas ainda durante o período colonial.

A liderança na ciência e tecnologia, no entanto, só foi alcançada pelos Estados Unidos na década de 1940, quando diversos cientistas europeus migraram para o país devido aos regimes fascistas e também à Segunda Guerra Mundial. A maior e mais polêmica conquista científica americana do período e também da história é o manejo da energia nuclear. O domínio dessa tecnologia permitiu a criação das bombas que devastaram as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 1945.

Para além da ciência feita por humanos, os autores também exploram uma ciência alienígena. A raça que se apossou da Terra se comunica telepaticamente, é imortal e pode assumir qualquer forma, e todos esses feitos são creditados à ciência. Na despedida, Camp confessa: “I’m kind of going to miss you and your people. You’ve taught me a couple of tricks – besides that little knack of levitation – that wouldn’t have been developed by our science for a heap of years” (KORNBLUTH; POHL; WYLIE, 1980, p. 79)<sup>6</sup>.

Essa visão representa a ciência de forma bastante linear e até mesmo teleológica, como se todas as descobertas e invenções fossem apenas questão de tempo e como se essa raça alienígena fosse nós daqui algum tempo. Vale lembrar que essa pseudo-ciência foi utilizada no século XIX para legitimar o imperialismo europeu: visto como o topo da evolução da espécie, caberia ao homem branco a “missão” de “civilizar” os “povos atrasados”.

---

<sup>6</sup> Eu meio que vou sentir falta de você e dos seus. Vocês me ensinaram uma porção de truques - além da habilidade de levitação - que não teriam sido desenvolvidos pela nossa ciência por um montão de anos (tradução minha).



### **Considerações Finais**

O período de 1938 a 1946 é considerado como uma era de ouro da ficção científica. Mais pessoas passaram a ler e a escrever ficção científica e alguns clássicos do gênero são dessa época.

As histórias desse período são conhecidas como *hard* [dura], uma categoria cuja característica é um interesse no detalhe e precisão científica. Essas histórias, em geral, também celebram as conquistas científicas e o progresso.

“Vacant World” pode ser vista como uma típica representante do período. Há, nos autores, uma preocupação em descrever elementos técnico-científicos como a distância de Vênus à Terra, a velocidade da aeronova fictícia dentre outros.

Há, também, uma esperança na ciência que fica latente na história inteira. No período em que foi escrita, de fato, muitas conquistas foram feitas. Durante a guerra, no entanto, muito desse conhecimento seria utilizado para a destruição em massa, como foi o caso da bomba nuclear. A guerra também iria mudar a vida dos três escritores: todos integraram o exército americano e lutaram com os aliados. Wylie contrairia uma tuberculose da qual não se curaria e morreria aos vinte e nove anos de idade.

“Vacant World” procurou imaginar como a Terra estaria dali cinquenta e seis anos. Embora houvesse um exercício de projeção, os autores baseavam-se no mundo em que eles conheciam para construir esse futuro imaginário. Acertaram alguns palpites e erraram outros, mas o mais interessante da noveleta é procurar compreender essa realidade na qual eles estavam inseridos e que também ajudaram a construir, já que a literatura não apenas representa a realidade como também a forma.

A construção do futuro em “Vacant World” foi pouco transgressora. A União Soviética até é mencionada como pioneira espacial mas fica restrita a isso. Ainda que não intencionalmente, a noveleta acaba por reforçar a ideia dos Estados Unidos como essa grande potência científica e tecnológica. Lois, a única mulher na história é, na verdade, projeção dos alienígenas e sua aparição insinua-se como um possível romance entre ela e Camp. Outras etnias são ignoradas. No final das contas, é o homem branco estadunidense heterossexual que salva toda a humanidade, mais uma vez.



## Referências

BIBLIOGRAPHY: Vacant World. Disponível em: < <http://www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?522817> >. Acesso em: 01 jun. 2015.

DEMOGRAPHICS of the United States. Disponível em:  
< [http://en.wikipedia.org/wiki/Demographics\\_of\\_the\\_United\\_States](http://en.wikipedia.org/wiki/Demographics_of_the_United_States) >. Acesso em: 01. Jun. 2015.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Charles Wilkes, a *U. S. Exploring Expedition* e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo (1838-1842). *Tempo*, Rio de Janeiro, v.13, n.25, p.120-138. 2008. Disponível em:  
< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042008000200006#nt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042008000200006#nt) >. Acesso em: 20 mar. 2015.

KORNBLUTH, Cyril; POHL, Frederik; WYLIE, Dirk. Vacant World. In: KORNBLUTH, Cyril; POHL, Frederik. **Before the Universe**. New York: Bantom Books, 1980.

LACAPRA, Dominick. **Rethinking intellectual history: texts, contexts, language**. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o Século XXI**: No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.